

Eixos temáticos:

1. Formação e diversidade

Fenômeno humano e educativo. Compreensões epistêmicas, antropológicas, sociológicas, filosóficas, éticas e estéticas.

Categoria:

Relato de experiência.

Título:**DIFERENTES OU IGUAIS, PODEMOS VIVER JUNTOS? UMA EXPERIÊNCIA SOBRE A DIFERENÇA NA ESCOLA.****Autor:**

Edinaldo Enoque Silva Junior

Instituição:

Unijui - Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul.

Resumo

O presente trabalho parte de uma pesquisa realizada em uma escola privada do extremo oeste catarinense, precisamente na cidade de São Miguel do Oeste. Envolveram diretamente os alunos (trinta alunos) do 8º (oitavo ano) do ensino fundamental e por extensão todos os alunos e professores da escola. A experiência consistiu em amarrar na cabeça de alguns alunos (oito) faixas com cores diferentes e que esses alunos permanecessem no espaço escolar (sala de aula, ginásio, intervalo, etc) e fossem vistos chegando e saindo da escola com tais faixas. Pretendeu-se criar um ambiente de diferença na escola. Os demais alunos da turma que não fizeram uso da faixa tiveram o trabalho de “etnógrafos”; observaram e relataram o que se passou com os alunos que usaram as faixas durante o período da experiência. O resultado obtido com a experiência revela que precisamos desenvolver articulações maiores entre escola e diferença, escola e alteridade, onde os conteúdos devam ser ministrados em interlocução com reconhecimento do Outro em sua diferença.

Palavras-chave: educação, diferença, interculturalismo.

INTRODUÇÃO

Vivemos num mundo de intensas mudanças. Num período que de tão confuso, complexo e (des)(re)articulador recebe uma miríades de nomes; pós-modernidade, hipermodernidade, pós-industrial, modernidade tardia, pós-pós-modernidade, pós-histórica, modernidade líquida entre outros.

O que essa quantidade de nomes revela é o caos que se instala dentro das ciências sociais e humanas para dar algo de concreto, algo de sólido em suas pesquisas, e resultados, mas como já dizia Marx no século XIX parece que *o que é sólido se desmancha no ar*.

Além dos grandes debates sobre capitalismo financeiro ou capitalismo industrial, sobre globalização ou regionalização, sobre a interferência ou falência do estado na vida econômica mundial assim por diante, temos muito abaixo ou muito acima, as relações humanas que estão diretamente envolvidas ora como autores ora como objetos de mudanças.

Em se tratando de globalização, massificação da mídia, da cultura do consumo, da intensificação das comunicações cibernéticas encontramos na escola um “chão de fábrica”, para usar um termo moderno, propício para compreender como se dá a relação da juventude com as transformações oriundas desse mundo contemporâneo que nos cerca.

É de se acreditar *a priori*, que pelo fato dos jovens nascerem inseridos num mundo de intensa interconectividade possam aceitar ou compreender com maior facilidade aquilo que lhe parece diferente e estranho. Na escola, no mesmo sentido, é de se imaginar, também *a priori*, que o professor é aquele que estaria mais aberto à aceitação do Outro.

É nesse sentido, de tentar compreender até que ponto a escola está aberta ao diferente, ao Outro que desenvolvemos essa experiência.

O presente trabalho é resultado de uma experiência envolvendo alunos do 8º ano do Ensino Fundamental II na disciplina de História.

O trabalho foi desenvolvido em abril de 2014 e teve a duração de 3 semanas. Foi dividido em três fases. A primeira consistiu num debate em sala de aula sobre a questão da diversidade cultural e da importância do respeito às diferenças, sobre a questão da interculturalidade e sobre o Outro.

Num segundo momento pretendeu-se observar como os alunos da escola enxergam e lidam com a diferença. Para isso seis alunos (três meninos e três meninas) usaram durante três semanas faixas coloridas na cabeça. O uso das faixas se deu durante a vivência dos alunos na escola (entrada, permanência em sala, intervalo e saída). Os alunos da turma que não usaram a faixa ficaram responsáveis por fazer observações de campo, perceber como os outros alunos não envolvidos lidavam com o experimento.

No terceiro momento houve a organização por parte dos alunos da turma tanto dos que usaram as faixas quanto dos que não usaram a produção de um relatório e a socialização da experiência.

Desenvolvimento

É de comum acordo entre diversos teóricos e cientistas sociais que um processo de intensa globalização se insere cada vez mais velozmente nos espaços regionais e nos processos de organização social e de subjetivação dos indivíduos. Alguns dizem que esse processo encontra mais pontos positivos do que negativos outros o contrário. Dos que positivam a globalização, por exemplo, Habsbert (2007, p. 49), afirma: *Simbolicamente, territórios como aqueles das reservas naturais e patrimônios da humanidade podem ajudar na consolidação de uma identidade-mundo, capaz de unir numa mesma “rede-território” toda a civilização planetária.*

Por outro lado, encontramos em Ianni (2003, p.272) a seguinte reflexão: *Nesse mundo globalizado [...] o indivíduo se mutila, se reduz, fragmenta, apaga, anula. Transforma-se em títere, autômato, zumbi. Fica solitário, no mapa do mundo, membro de uma vasta multidão de solitários; espectadores, audiência, público, massa.*

Dentro do debate em torno do valor positivo ou não da globalização, encontramos mais pensadores reticentes do que otimistas. Bauman (1999), por seu turno ressalta que existe no processo de globalização um processo de glocalização, ou seja, uma imposição do global sobre o local, chamada por ele também de globalização negativa que interfere diretamente na dinâmica própria dos locais que passam a partir dessa verticalização dos poderes extra-locais perder suas características próprias aos sabores dos ventos midiáticos e da sociedade de consumo.

Seguindo a trilha dos estudiosos sobre os processos globalizantes encontramos Milton Santos (2001) que com sua perspicácia e análise profunda da realidade brasileira descobre que quando se refere ao capitalismo globalizado, a tirania do dinheiro e a tirania da informação são os pilares da produção da história atual. Para o autor, ambas juntas, fornecem as bases do sistema ideológico que legitima as ações mais características da época e ao mesmo tempo buscam conformar segundo um novo *ethos* as relações sociais e interpessoais, influenciando o caráter das pessoas. A competitividade, sugerida pela produção e pelo consumo é a fonte de novos totalitarismos, mais facilmente aceitos graças à confusão dos espíritos que se instala.

De modo amplo e geral os autores citados acima parecem concordar com a já clássica afirmação de David Harvey, sobre a condição pós-moderna, principalmente no que se refere à relação global-local, espaço-tempo.

Segundo Harvey (1989, p.240):

À medida que os espaços se encolhe para se tornar uma aldeia “global” de telecomunicações de interdependências econômicas e ecológicas – e à medida que os horizontes temporais se encurtam até ao ponto em que o presente é tudo que existe, temos que aprender a lidar com um sentimento avassalador de compressão de nossos mundos espaciais e temporais.

Tudo indica desse modo, que o mais importante não é resistir, no sentido de se criar fortificações que é o que justamente Touraine (2005) critica e teme ao designar essas barreiras de comunitarismos, mas sim aprender a lidar com, estar aberto à mudança, não no sentido de entrega total e completamente a ela, mas sim no sentido de dialogicidade e em muitos casos mesmo de recusa.

Castells, outro estudioso dos impactos da globalização e da sociedade em rede que é esclarecedor ao dizer (1999, p.17):

Nosso mundo, e nossa vida, vêm sendo moldados pelas tendências conflitantes da globalização [...]. A revolução da tecnologia da informação e a reestruturação do capitalismo introduziram uma nova forma de sociedade, a sociedade em rede. Essa sociedade é caracterizada pela globalização das atividades econômicas decisivas do ponto de vista estratégico; por sua forma de organização em redes; pela flexibilidade e instabilidade do emprego e a individualização da mão de obra. Por uma cultura de virtualidade real construída a partir de um sistema de mídia onipresente, interligado e altamente diversificado. E pela transformação das bases materiais da vida mediante a criação de fluxos e de um tempo intemporal como expressões das atividades e elites dominantes. Essa nova forma de organização social, dentro de sua globalidade que penetra em todos os níveis da sociedade, está sendo difundida em todo mundo, do mesmo modo que o capitalismo industrial disseminado no século XX, abalando instituições, transformando culturas, criando riqueza e induzindo a pobreza, incitando a ganância a inovação e a esperança, e ao mesmo tempo impondo o rigor e instilando o desespero. Admirável ou não, trata-se na verdade de um mundo novo.

Posto isso, é quase temerário não aceitar a premissa de que a globalização impacta de modo contundente a vida das pessoas seja individual ou coletivamente, seja entre as pessoas e o Estado ou até mesmo entre os próprios Estados. O desenvolvimento técnico, o mercado econômico, a difusão midiática e o apelo ao consumo são pontos importantes para a compreensão global-local em termos de mutações globalizantes ao passo que a resistência pura e cega a esses itens aponta a formação de comunitarismos herméticos.

Com a miríade de possibilidades interpretativas não poderia ser diferente, em se tratando de globalização e mudança sociocultural, que diversos autores das mais diversas áreas apontam aquilo que consideram mais importante em seus estudos. Muito embora haja divergência em alguns pontos é comum encontrarmos nesses autores a afirmativa de que o mundo, tanto o ocidental quanto o oriental passa por um grande processo de transformação fruto dos processos globalizantes da economia e dos meios de comunicação de massa, e que esses processos ressignificam sobremaneira as relações humanas individuais e coletivas.

O que nos interessa aqui, no entanto, é no que esse processo interfere não na sociedade como um todo, mas naquilo que é próprio de cada um: sua identidade e a relação com o Outro.

A educação intercultural, no contexto das lutas sociais contra os processos crescentes de exclusão social inerentes à globalização, propõe o desenvolvimento de estratégias que promovam a construção de identidades particulares e o reconhecimento das diferenças, ao mesmo tempo em que sustentam a inter-relação crítica e solidária entre diferentes grupos. (FLEURI, 2014, p. 45) .

Vivenciamos profundas transformações nas relações humanas. Alguns teóricos como Lyotard (2011), Maffesoli (1997), Bauman (2009), Giddens (2002), Touraine (1997), Lipovetsky (2011), para citarmos alguns, mas importantes pensadores contemporâneos caracterizam nosso tempo de modos diversos entre si. De pós-moderno, pós-industrial, hipermoderno, líquido passando por era das tribos ou de modernidade tardia, por exemplo.

Os nomes mudam, mas o que parece de acordo em todos os teóricos citados é que a atual conjuntura global requer não somente a mudança de nomenclatura, mas principalmente estratégias de compreensão da realidade como nos sugere Fleuri (2014).

Stuart Hall (2003), por exemplo, diz que vivenciamos um período no qual a identidade ganha conotações importantíssimas, tanto do surgimento de uma identidade que se fragmentada devido aos turbilhões das indústrias midiáticas, da sociedade de consumo, por exemplo, como também do desejo de se conquistar ou se identificar com algo de modo a recusar as diferenças.

Logo, se apresentam dois extremos: de um lado, encontramos na crise de identidade a possibilidade da não-identificação, da possibilidade de se viver a deriva lançando e recolhendo ancoras identitárias (Lahire, 2001) do mundo do consumo, das mídias e do mundo cyber (Levy, 1999) ou temos por outro lado, a possibilidade de nos agarrarmos a identidades sólidas (Bauman, 2007) recusando todas as mudanças e igualmente recusando o Outro.

E em meio a esses dois extremos encontramos a escola como ponto de intersecção entre esses dois mundos: O da fragmentação da identidade e o do enrijecimento identitário, proporcionando aos seus alunos a possibilidade de relacionar identidade e comunidade levando em consideração as diferenças culturais que estão cada vez mais explicitadas pelas transformações globais. **Mas explicitadas não quer dizer aceitas.**

Segundo Alain Touraine (2007), tanto um extremo quanto o outro são prejudiciais. Um por dessubjetivar os indivíduos com a massificação das mídias e do consumo, outro, por enrijecê-lo numa pertença neo-comunitária.

Segundo alguns autores entre os quais encontramos Peter Maclaren (1999), Paulo Freire (2007) e Alain Touraine (2005), por exemplo, propõe-nos um meio termo; nem o deixar-se levar aos sabores globalizantes da pós-modernidade, muito menos fecharmo-nos no enclausuramento identitário, mas sim possibilitar uma abertura ao diálogo e ao respeito intercultural que prioriza entre outras coisas o respeito pelo Outro.

O projeto aqui apresentado e intitulado “*Diferentes ou iguais, podemos viver juntos?*” é inspirado dentre outras fontes no livro do sociólogo Alain Touraine que tem o mesmo nome do projeto. O projeto desenvolvido objetivou compreender como se dá a relação dos alunos com a diferença, como os alunos das outras turmas menores ou maiores lidam quando se defrontam com situações de diferença da qual não estão habituados. Como a escola lida com o diferente e como a partir da experiência poderá se preparar (a escola como um todo) para práticas educativas em torno da alteridade e respeito ao Outro.

Desse modo, a partir de uma ideia que surgiu em conjunto entre professor-alunos-direção pretendemos com esse projeto avançar para que possamos desenvolver práticas educativas mais humanas, mais respeitosas, voltados às diferenças de todos os tipos e educar nossos alunos para a vida com valores éticos e solidários.

Sintetizando a parte operacional de nosso projeto. Houve um acordo na sala (8º “A”) de modo que nada do que fosse discutido nela pudesse “vazar” enquanto os dados não fossem levantados. Seis (6) alunos se voluntariam a usar em suas cabeças faixas, cada um com uma e de cor diferente (vermelho, azul, rosa, amarelo, branco, preto e verde) e deveriam usar na escola por três semanas (ir ao ginásio, frequentar o intervalo assistir as aulas com as faixas de modo a perceber como os alunos lidavam com eles). Os alunos da turma, que não usariam as faixas faria o trabalho etnográfico e sociológico de informalmente saber dos demais alunos da escola o que achavam, pensavam a respeito do uso da indumentária.

O resultado do projeto mostra em linhas gerais que devemos preocupar-nos em abrir mais espaços para diálogos sobre a diferença. Não somente entre os alunos, o que se esperava, mas também entre professores.

Houve relatos por parte dos alunos envolvidos, de professores que não gostaram das faixas (batizados por alguns professores de “a última moda”) que não só não permitiu que não usassem em suas aulas como também agrediram verbalmente alguns alunos.

Relatos de alunos que deixaram de falar com aqueles que usavam as faixas, outros que insultaram. Não tivemos relatos de agressões físicas.

Poderíamos intercalar os dados obtidos com pesquisadores, como fizemos na sessão anterior, mas pela riqueza dos dados, pela análise dos envolvidos e pela limitação do espaço concedido para a descrição da experiência pensamos e achamos por melhor deixarmos um espaço para que os alunos falem e que nós na posição de professores, coordenadores, diretores, pesquisadores, pais entre outros pensemos estratégias para desenvolvermos uma educação para a diferença a partir e para além dos resultados obtidos e citados parcialmente abaixo.

Segundo a aluna Patrícia Schuarz:

Eu, mesmo não usando as fitas na cabeça percebi que as pessoas viam muita diferença, até alguns professores ficaram muito curiosos e até um xingou. Alguns alunos disseram que era pra atrapalhar as aulas. [...] pelo fato dos meninos terem usados faixa rosa muitos alunos e colegas criticaram e xingaram. Fora da escola um amigo meu se referiu a situação chamando meus colegas de escrotos por usar a faixa. No começo era só curiosidade, mas no final já estava ficando agressivo.

Segundo outra aluna Leticia Rogofski, usuária da faixa:

Observei que o preconceito está muito presente em nosso dia a dia. [...] muitos professores curiosos, uns aceitavam e outros até xingaram dizendo que era frescura e modinha. [...] todos deveriam fazer essa experiência, pois muitas vezes praticam preconceito e não sabem. Essa foi uma experiência para pensar minhas atitudes e ver como os outros reagem com a diferença.

Para o Luiz F. Ramos:

[...] em resumo, alguns professores achavam bonito outros tinham suas dúvidas, outros brigaram, mas uma coisa é certa: o trabalho gerou muito repercussão.

Segundo Roberto Aurélio:

O que mais ouvi dos meus colegas foi: tira essa faixa é coisa de viadinho não sei se os outros sofreram como eu, mas pelo menos eu cheguei a minha conclusão: eu nunca seria homossexual, para quem é, eu desejo muita boa sorte.

A aluna Ana Luiza titulóu seu relatório de “experiência da igualdade” e segunda ela:

Foi muito complicado fazer com que em alguns espaços da escola mantivéssemos nossas fitas.

Para Bianca Wichoroski que usou um lenço:

Foi nessa experiência simples que eu pude perceber o quanto as pessoas estranham e como lidam com a diferença no meio social, assim como um professor nos tratou, xingando, dizendo que era simplesmente para aparecer. Eu acredito que muitos ainda não sabem lidar com isso, de que o preconceito é algo presente em nosso meio o que acaba gerando problemas como o *bullying*.

Para Alisson Maldaner:

[...] chamaram a gente de tudo que foi nome [...] então a gente percebeu e sentiu como os homossexuais ou gays se sentem, por exemplo.

Andressa Neumamm afirma:

Na maioria das vezes é difícil aceitar os outros. Muitas pessoas tem muito preconceito, teve muitas pessoas que se diziam amigas, mas que falavam mal pelas costas e até deixaram de falar com as pessoas que estavam usando a faixa. Todos olhavam com cara de nojo ou começavam a rir.

Segundo Lucas Martins:

Essa experiência que tivemos foi boa, pois assim vimos as pessoas que são preconceituosas e as que não. Vi bastante pessoas que não aceitavam a faixa na cabeça. Pessoas de outras séries chamando meus amigos de palavrão.

Segundo o relato da aluna Sabrina Fiorini:

“minha primeira experiência como alguém diferente”. No começo as pessoas não ligaram, mas com o passar do tempo as pessoas foram nos criticando, soltando piadinhas das quais as mais inúteis. Ao entrar na escola, na fila para comprar lanche, na saída da escola recebíamos comentários críticas e até amigas que se diziam amigas deixaram de falar comigo.

Segundo o relato da aluna Heloisa Ribeiro:

Nos corredores alguns alunos nem deram bola, outros já olhavam de cima pra baixo com cara de nojo, alguns já partiram para agressão.

Para Lucas Martins que usou uma das faixas:

Na primeira vez que coloquei a faixa 2 amigos meus falaram que eu tinha ficado muito estranho, um deles me chamou de viado e começou a me zoar por vários dias. [...] teve professores que ficaram bravos e mandaram tirar dizendo que era modinha. [...] algumas das pessoas do colégio pararam de falar comigo. Na minha opinião foi uma boa experiência para entender como as pessoas me tratariam se eu fosse “diferente”. Essa experiência foi muito boa, pois me fez ver e tentar conviver melhor com pessoas diferentes.

Segundo Lucas Haas usuário de uma faixa

Esse trabalho me ajudou a perceber como as pessoas agem com coisas que não são normais ou que não está no padrão da sociedade. Aqui na escola, por exemplo, muitas pessoas tiveram atitudes preconceituosas com os meninos que estavam usando a faixa, principalmente a rosa.

Não conseguimos citar todos os alunos envolvidos nem citar mais longamente seus comentários tendo em vista que cada aluno produziu um relatório de mais ou menos uma lauda. O objetivo das citações em demasia, em detrimento de cruzamentos teóricos, se justifica pelo desejo de abrir o espaço muitas vezes negado aos alunos de manifestarem suas opiniões.

Podemos observar nas citações acima, o suficiente para pensarmos a importância de se pensar outramente algumas práticas educativas. Desse modo, indiferença ou falta de respeito para com o Outro precisa ser analisado dentro da prática docente independente da área.

É preciso um importante deslocamento na relação professor-aluno, escola-aluno.

Esse deslocamento é importante tendo em vista que mesmo que não seja de sua alçada como profissional, o professor não deve virar as costas às profundas transformações sociais da contemporaneidade. Vestir a identidade de professor ao ir à escola e tirá-la quando chega e dormir tranquilo frente aos grandes problemas pelo qual passa a humanidade não cabe mais. O deslocamento é para a percepção de que os atuais problemas estão mais no plano do humano quanto concernentes ao conhecimento e sua produção. Parece emergir uma inversão importante a que precisamos nos atinar: emergimos como sociedade repleta de conhecimento, mas carente de alteridade. A alteridade é um processo marcado pela contingência com agência, ou seja, o professor deve estar atento ao que o cerca ao mesmo tempo em que precisa agir para que sua prática condiga com a realidade dos seus alunos.

Vivemos um momento de grande incerteza quanto ao futuro. Os recursos humanos (humanizados) estão escassos, os laços enfraquecidos, as vontades esmorecidas e um vazio existencial grassa. O professorado sofre desse vazio existencial tanto mais quando enxerga sua profissão sendo posta para escanteio no mercado de ações das ofertas universitárias.

Quando é ridicularizada pelos programas de humor, quando é vilipendiada pela falta de investimento tanto de salário como de estrutura, quando 'todos sabem mais' do que o professor sobre educação.

Nesse sentido: *Quando os docentes se definem como um grupo em comunicação com um outro grupo, o dos discentes, e se interessam individualmente por cada aluno, estes últimos obtém resultados muito melhores (TOURAINÉ, 2007, p.77).*

Em vista da fragmentação identitária familiar, social e cultural onde o presságio consumado de um mundo voltado para o consumo pelo consumo ameaça os jovens, temos que ativamente nos pormos no lugar de Sujeitos de ação com vista a transformação social. O que queremos dizer é que, se Bauman estiver certo, ao afirmar que jamais houve transformação social tão grande a afetar a educação como tem sido essa das últimas décadas, os professores precisam se manter fortes e se fortalecerem nessa causa tão nobre.

Aventa-se, para tanto, a urgência e a necessidade de se instaurar uma nova força conscientizadora, suficientemente forte para impulsionar uma revolução ética que respeite as novas características do estágio humano, num planeta cultural, geográfica e política-

mente loteado, mas ao mesmo tempo aberto para valores universalizantes que respeitem as diferenças, sem imposição de pensamentos únicos ou de verdades uniformizantes e carregadas de conformismo. Para tanto retomam-se os fundamentos de um pensamento humanista preocupado com a valorização dos indivíduos enquanto sujeitos dinâmicos e autocriadores. (MÜLLER, 2009, p. 141)

Possamos assim imaginar um mundo mais humano onde a dignidade das idiossincrasias culturais seja respeitada. Num mundo onde as fronteiras tendem à fragmentação ao mesmo tempo em que tendem à obliteração e rechaçamento das diferenças sejam diminuídas as incompreensões, onde a cidadania acompanhe as mudanças e se preocupe também com o todo e não com as partes, e que todos nos respeitemos em nossas diferenças, e que a globalização não seja vista como um mal absoluto, e que a comunidade deva crescer a ponto de existir só uma: a comunidade humana. Um mundo por vir.

Considerações finais

Na Alemanha durante a ascensão nazista os judeus tiveram de usar um sinal distinguindo-os dos demais alemães considerados pelo novo poder instituído de “puros” o que acarretou no aumento da violência por parte da maioria alemã sobre a minoria judaica.

Na França atual há uma grande querela sobre o uso ou não da vestimenta árabe por parte das meninas nas escolas. O que tem acometido de casos de racismo e preconceitos religiosos, por exemplo.

Na África pós-colonialista, uma grande guerra civil entre os Tutsis e Hutus em Ruanda se estendeu por longos sangrentos anos devido, entre outras coisas, a diferenciação criada pelos colonizadores holandeses em relação a qual das duas tribos se pareciam mais com o europeu colonizador. É de conhecimento de muitos a cruel mortandade de Tutsis por Hutus radicais.

No Brasil é de conhecimento geral o sofrimento que nordestinos, por exemplo, sofrem ao migrarem para cidades do sul e sudeste devido sua fala, seus costumes e modos.

O trabalho que ora apresentamos, por mais simples que pareça a primeira vista, carrega um grande valor simbólico quando se estende pra muito além da simples faixa na cabeça dos alunos, mas sim no quanto algo que distingue minorias e majorias repercute na vida dessas minorias caso não seja aceita num convívio social de respeitabilidade.

A faixa pode simbolizar o homossexual, o negro, o asiático, o camponês, o nordestino, a mulher, ou seja, todo aquele ou aquela que possa afetar ou ameaçar aquilo que Bauman (1999) cunha de “o sonho de pureza”.

Nosso trabalho procurou perceber como podemos diagnosticar a necessidade ou não de se aprofundar debates em torno da diferença, do Outro e da alteridade.

Pelo seu custo praticamente nulo, o que dispensa grandes investimentos econômicos, o trabalho pode ser desenvolvido em escolas de qualquer realidade social.

O objetivo desse trabalho foi de procurar compreender como se dá as relações de diferença na escola, ou seja, como os alunos enxergam e lidam com aquilo que não faz parte do seu cotidiano, que não está dentro daquilo que o aluno Lucas Hass disse “do padrão da sociedade”.

Desse modo, observamos nas falas e nas escritas apresentados nesse trabalho, mesmo que de modo fragmentado e incompleto, o quanto ainda precisamos aprofundar nas discussões em torno da alteridade estendendo, como pudemos observar, também ao professor.

Há muito que ser feito para que as relações entre alunos, entre professores alunos e de modo muito mais amplo nas relações humanas como um todo esteja mais preocupada para o respeito a diferença. Tentamos com esse trabalho contribuir para que estratégias para que esse debate ocorra.

É muito difícil mensurar o resultado dessa pesquisa em termos de números quantitativos, mas esperamos que de modo significativo às subjetividades tantos dos alunos envolvidos quanto dos professores possam ressignificar suas relações com a Outredade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Rio de Janeiro, Zahar, 2009.

_____. **Comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro, Zahar, 2007

FLEURI, Reinaldo Matias. **Desafios à educação intercultural no Brasil**. Educação, sociedade e cultura, nº16, p.45-62, 2014.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympo, 2011.

MAFFESOLI, Michel. **A transfiguração do político: a tribalização do mundo**: Porto Alegre: Sulina, 1997.

MÜLLER, Denise Tramontini, CORRÊA, Darcísio. **Cidadania e globalização: quem somos e para onde vamos?** Ujuí: Direito e debate, 2009 p. 139-164.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp. 2002

TOURAINÉ, Alain. **Iguais e diferentes: poderemos viver juntos?** Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

_____. **Pensar de outro modo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2007.

_____. **Um novo paradigma: Para compreender o mundo hoje**. Lisboa: instituto Piaget, 2005

LIPOVETSKY, Gilles. **A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada**. São Paulo: Companhia das letras, 2011

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

LAHIRE, Bernard. **O homem plural: as molas da ação**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: editora 34,1999

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo Crítico**. São Paulo: Cortez 1997

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007

